

JAMES KAPLAN

Frank

A Voz

Tradução

Pedro Maia Soares



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2010 by James Kaplan

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Frank: The Voice

Projeto gráfico da capa

John Fontana

Imagen da capa

© Ken Veeder, 1978 / Capitol Records/ mptvimages.com

Imagen da quarta capa

© John Bryson/ Latinstock/ Sygma/ Corbis

Imagen da lombada

© Michael Ochs Archives/ Getty Images

Preparação

Cacilda Guerra

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Ana Maria Barbosa

Luciana Baraldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kaplan, James

Frank: a Voz / James Kaplan; tradução Pedro Maia Soares. —
1^a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Título original: Frank: The Voice.

ISBN 978-85-359-2256-1

1. Cantores — Estados Unidos — Biografia 2. Sinatra, Frank,
1915-1998 1. Título.

13-01880

CDD-782.42164092

Índice para catálogo sistemático:

1. Cantores norte-americanos: Vida e obra

782.42164092

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S. A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

<i>Primeiro ato</i> — Frankie e Dolly	11
<i>Segundo ato</i> — Harry e Tommy	75
<i>Terceiro ato</i> — A lua ao seu alcance	153
<i>Quarto ato</i> — Ícaro	265
<i>Quinto ato</i> — Fênix	541
Agradecimentos	671
Créditos das fotos	675
Notas e fontes	679
Bibliografia	717
Índice remissivo	723

PRIMEIRO ATO

Frankie e Dolly

*As únicas duas pessoas de quem sempre tive medo
são minha mãe e Tommy Dorsey.¹*

Frank Sinatra

I.

A criança é o pai do homem: uma boca lindamente formada, um ávido olhar azul. Foto não datada de Frank quando tinha em torno de seis meses.

Uma tarde fria e úmida de um domingo de dezembro, em 1915, um dia mais parecido com o século anterior do que com o novo, entre os prédios de apartamentos de estrutura de madeira e as ruas de pedras arredondadas salpicadas de bosta de cavalo da Little Italy de Hoboken, também conhecida como Guinea Town. O ar cheira a fumaça de carvão e neve iminente. A cozinha do apartamento sem água quente na Monroe Street está cheia de mulheres, todas reunidas em torno de uma mesa, gritando ao mesmo tempo. Em cima da mesa está uma garota de cabelos avermelhados, de apenas dezenove anos, imensamente grávida. Ela

geme com voz rouca: o trabalho de parto está parado. A parteira enxuga a testa da pobre garota e gesticula com a outra mão. Chamam um médico. Dez longos minutos depois ele chega, tira o sobretudo, e com um olhar severo ao redor da sala — é o único homem presente — abre sua pasta preta. Da coleção de objetos metálicos brilhantes que carrega tira o temido fórceps obstétrico, um instrumento de aparência medieval, e com ele pega o bebê, puxando-o forte do ventre da mãe e, nesse processo violento, rasga terrivelmente o lado esquerdo do rosto e do pescoço da criança, bem como sua orelha esquerda.

O médico corta o cordão umbilical e deposita o recém-nascido — um menino enorme, azul, sangrando de seus ferimentos e aparentemente morto — na pia da cozinha, e volta rapidamente seus esforços para salvar a vida da mãe quase inconsciente. As mulheres se inclinam, esfregam o rosto pálido da mãe, gritam conselhos em italiano. Uma mulher que está nos fundos da confusão — talvez a mãe da mãe, talvez outra pessoa — olha para o bebê inerte e tem pena. Ela pega o recém-nascido, joga um pouco de água gelada da pia sobre ele e bate em suas costas. Ele estremece, funga e começa a uivar.

Mãe e filho sobreviveram, mas nenhum dos dois jamais esqueceu a brutalidade daquele dia de dezembro. Frank Sinatra carregou as cicatrizes de seu nascimento, tanto físicas quanto psicológicas, até o fim de seus dias. Uma foto do bebê angelical feita algumas semanas depois que nasceu foi propositadamente tirada de seu lado direito, uma vez que as feridas do lado esquerdo do rosto e do pescoço ainda estavam com aparência inflamada. Ao longo da vida vastamente documentada de Sinatra, em raras ocasiões ele seria fotografado de seu lado esquerdo, sobretudo se tivesse algo a ver com a foto. Uma cicatriz, difícil de disfarçar (embora com frequência retocada com aerógrafo), descia em diagonal do canto inferior esquerdo de sua boca para a sua linha da mandíbula. A orelha daquele lado tinha um lobo bifurcado — a clássica couve-flor —, mas isso era o de menos: os relevos delicados do ouvido externo esquerdo estavam amassados, dando a aparência, em fotos mais antigas, de um damasco atropelado por um rolo compressor. A única conexão entre o mundo sonoro e o canal auditivo externo — o buraco do ouvido — era uma fenda vertical. Uma cirurgia plástica feita mais tarde corrigiria o problema, até certo ponto.

Isso não era tudo. Na infância, uma operação de mastoide deixaria uma cicatriz proeminente em seu pescoço, atrás de base da orelha. Um caso grave de acne cística na adolescência agravou sua sensação de deformação: depois de

adulto, ele aplicaria base Max Factor no rosto e no pescoço todas as manhãs e, de novo, depois de cada um dos banhos de chuveiro que tomava diariamente.

Mais tarde, Sinatra contou à sua filha Nancy que quando tinha onze anos, depois que alguns amigos começaram a chamá-lo de “Scarface”, ele foi à casa do médico que havia feito seu parto, decidido a dar no bom doutor uma boa surra. Felizmente, o médico não estava em casa. Mesmo quando contava quarenta e poucos anos, no topo do mundo e em meio a uma produção artística sem paralelo na história da música popular, o trauma de nascimento — e sua mãe — estavam muito presentes na cabeça de Sinatra. Certa vez, em um momento de extraordinário desnudamento emocional, o cantor se abriu um pouco para uma amante. “Eles não estavam pensando em mim”, disse amargamente. “Só estavam pensando na minha mãe. Meio que me arrancaram para fora e me jogaram de lado.”

Ele teve essa conversa com Peggy Connelly, jovem cantora que conheceu em 1955 e que, por quase três anos, no ápice da carreira de Sinatra, estaria tão próxima dele quanto era possível alguém estar. A cena se passou em Madri, na primavera de 1956: Sinatra estava na Espanha fazendo um filme de que pouco gostava. Uma noite, numa boate pequena, quando ele e a jovem Connelly, de 24 anos, estavam sentados no escuro, na beira da pista de dança, ela acariciou sua bochecha esquerda, mas quando as pontas de seus dedos tocaram a orelha ele se encolheu. Ela lhe perguntou o que havia de errado, e ele admitiu que era sensível em relação à sua deformidade.

“Não creio que eu já a tivesse notado, de verdade”, disse Connelly muitos anos depois. “Isso foi no início do nosso relacionamento.”² Sinatra passou então a contar toda a história do seu nascimento: seu peso imenso (seis quilos), o fórceps rasgando, o modo como ele havia sido deixado para morrer. “Não houve explosão de emoção”, lembrou Connelly.

Havia [em lugar disso] uma óbvia amargura persistente em relação ao que ele achava que fora um descaso estúpido com seu ser infantil para se concentrarem apenas em [sua] mãe, sugerindo que havia sido meio que arrancado das entranhas dela e jogado de lado; caso contrário, sua orelha rasgada poderia ter sido cuidada.

Nos anos imediatamente posteriores ao nascimento angustiante de seu único filho, Dolly Sinatra parece ter contrabalançado as coisas à sua maneira:

tornou-se parteira e ocasional aborteira. Por esse último tipo de atividade, ganhou um apelido (“Dolly Agulha”) e uma ficha criminal. Algumas vezes, ela se recusava a aceitar o pagamento pela interrupção das gestações, pois podia arcar com a generosidade: seu negócio legítimo de obstetrícia, a cinquenta dólares por procedimento — uma quantia substancial na época —, ajudava belamente a sustentar sua família. Chama a atenção o fato de que duas de suas prisões, no final de 1937 e em fevereiro de 1939 (apenas três semanas depois do casamento de seu filho), ocorreram uma um pouco antes, outra um pouco depois das duas prisões de Frank Sinatra, em novembro e dezembro de 1938, pelos então delitos de sedução (no primeiro caso) e adultério (no segundo). É também notável que todas essas prisões de Sinatra estivessem relacionadas com sexo e que nenhuma delas teria ocorrido hoje.

O que estava acontecendo nessa família? Para começar a responder à questão, temos de voltar às ruas turbulentas do bairro italiano de Hoboken nas décadas de 1920 e 1930 e entrar na casa completamente vazia de psicologia de Dolly e Marty Sinatra. Embora seja fácil imaginar qual pode ter sido o efeito de crescer nessa família sobre um gênio extremamente sensível (o que Frank Sinatra indiscutivelmente era), também devemos lembrar que ele vinha do mesmo tecido de seus pais, em especial de sua mãe, uma mulher que ele parece ter odiado e amado, evitado e procurado em medidas iguais ao longo da vida; uma mulher cuja personalidade era desconfortavelmente semelhante à sua.

O primeiro mistério é o que teria juntado dois personagens tão díspares como Natalina Garaventa e Anthony Martin Sinatra. Dolly (ela ganhou o apelido quando menina, por ser muito bonita) era, desde o início de sua mocidade, uma jovem espalhafatosa, de boca suja, inteligente (tinha uma facilidade natural para línguas) e extremamente ambiciosa. Então, com quem ela imaginou que estava sonhando quando foi atrás (pois deve ter sido a parte aguerrida na relação) de Marty Sinatra?

Pois ele era um grosseirão: um grosseirão terno, talvez, mas não obstante um grosseirão. Baixo, com um prognatismo que lhe dava uma aparência obstinada e um começo de calvície precoce. Boxeador peso-galo (apresentava-se como Marty O’Brien, por causa do preconceito anti-italiano da época), frequentemente desempregado, que às vezes fazia bicos como motorista para sobreviver. Um baixinho que tinha os braços cobertos de tatuagens para tentar parecer durão. Asmático; analfabeto durante toda a vida. E extremamente avaro de palavras.

Quando estava com mais de sessenta anos, Frank Sinatra lembrou que ouvia seus pais através da parede do quarto:

Às vezes eu estava deitado acordado no escuro e os ouvia falar. Ou melhor, eu a escutava falando e ele ouvindo. Em geral, era sobre política ou algum vizinho sem valor. Lembro-me dela vociferando sobre como Sacco e Vanzetti foram vítimas de uma armação. Porque eram italianos. O que provavelmente era verdade. Tudo o que eu ouvia do meu pai era uma espécie de grunhido [...]. Ele dizia apenas: hum, hum.³

Das poucas histórias contadas sobre ele, é difícil extrair muita coisa sobre a personalidade do Sinatra pai. Parece que tinha um senso de humor irônico e tranquilo, e fotografias dele quando jovem dão esta impressão: tem um rosto bonito, embora apagado. Nancy Sinatra, em *Frank Sinatra, My Father*, tenta retratar o avô como um brincalhão adorável. Há a ocasião em que Marty deu um laxante a um amigo e espalhou cola no assento da privada. E depois há a vingança de Marty contra um dono de bar caloteiro que tentou lhe pagar uma dívida com um cavalo doente em vez de dinheiro: Nancy conta que seu avô levou o cavalo para o bar no meio da noite e matou-o a tiros junto à porta, deixando a carcaça como um desestímulo ao negócio.

Humor grosseiro! A brincadeira tem um matiz siciliano, e a Sicília é o lugar de onde Marty saiu em 1903, aos nove anos, quando desembarcou na ilha Ellis com a mãe e duas irmãs menores para se encontrar com o pai, Francesco Sinatra, que, como era comum na época, chegara aos Estados Unidos três anos antes para se estabelecer.

A família de Dolly Garaventa era do Norte da Itália, perto de Gênova. E os antigos e profundamente arraigados preconceitos sociais dos italianos do Norte em relação aos italianos do Sul tornam duplamente difícil imaginar o que tinha na cabeça quando, aos dezesseis anos, resolveu dar em cima de Marty, de dezoito. Foi atração irresistível? Ou rebeldia adolescente — a chance de dar o troco aos seus pais, a atração do *bad boy*? Conta-se que a pequena Dolly (tinha menos de um metro e meio e pesava somente quarenta quilos) costumava se disfarçar de menino para entrar de penetra nas lutas de Marty, com seus cabelos loiro-avermelhados enfiados num boné de jornaleiro e um charuto na boca: uma história simpática, com um ar de verdade, que aponta para sua obstinação, sua força. E sua originalidade.

Contra o clamor de sua família (e provavelmente a pedido de Dolly), os dois — ela com dezessete e ele com dezenove anos — fugiram e se casaram na prefeitura de Jersey City no Dia dos Namorados* (um feriado que teria importância em duas conjunturas do primeiro casamento de Frank Sinatra) de 1913. Na certidão de casamento, Marty disse que sua profissão era atleta. Na verdade, ele só comia regularmente porque seus pais eram donos de uma mercearia. Logo o casal fez as pazes com os pais dela, casou-se de novo na igreja e montou um lar no apartamento sem água quente da Monroe Street, 415.

Toda família é um mistério, mas algumas são mais misteriosas do que outras. Depois que o filho único de Dolly e Marty Sinatra nasceu, passaram a ter uma casa centrífuga. Diz o folclore familiar que o parto deixou Dolly incapaz de ter mais filhos, mas parece igualmente provável que ela tenha simplesmente decidido — era uma mulher decidida — que não queria passar por *aquilo* novamente. Além disso, tinha outras coisas importantes a tratar. Sua habilidade para entender dialetos italianos e sua fluência em inglês a levou a se tornar uma facilitadora para os novos imigrantes que tinham negócios no tribunal, como tentar obter papéis de cidadania. Suas aparições no tribunal chamaram a atenção dos políticos democratas do lugar — os chefões irlandeses de Hoboken —, que, impressionados com a força de sua personalidade e sua conexão com a comunidade, viram nela uma líder natural de zona eleitoral. Em breve, ela estava fazendo as pessoas votarem, apresentando petições à prefeitura (em 1919, como parte de uma manifestação pelo sufrágio, acorrentou-se na cerca do prédio), angariando votos para candidatos, cobrando favores. E sempre percorrendo as ruas de Hoboken com sua maleta preta de parteira.

Tudo isso significava que ela simplesmente não ficava muito tempo em casa. De qualquer modo, o lar não era lugar para Dolly: ela estava *fora*, e não dentro; tinha o temperamento do político: inquieta, enérgica, irrefletida. E tinha ideias peculiares sobre criação de filhos. É evidente que, para as atuais sensibilidades cheias da arte e da ciência da educação infantil, a criação de filhos no início do século xx tinha um aspecto claramente primitivo. As famílias pobres e de baixa

* Nos Estados Unidos, o Dia dos Namorados é comemorado em 14 de fevereiro, dia de São Valentim. (Esta e todas as notas a seguir marcadas por asterisco são do tradutor.)

classe média eram grandes, e com os pais trabalhando ou simplesmente exaustos as crianças mais velhas — ou as ruas — com frequência criavam as mais jovens.

Nenhuma das duas opções estava ao alcance de Frank Sinatra. Como filho único em Hoboken nas décadas de 1920 e 1930, ele era uma anomalia. Sua mãe lhe dava atenção tanto demais como de menos. Como desejara uma menina, vestia o bebê com roupas cor-de-rosa. Depois que ele começou a andar, vestia-o com trajes de Little Lord Fauntleroy.*

Ele era ao mesmo tempo a menina dos olhos e os grilhões de seus pais. Dolly tinha bebês ou votos a partejar; Marty tinha coisas a fazer. Os homens italianos saíam de casa, estivessem empregados ou não, nem que fosse para sentar em algum lugar e beber com amigos. No final da segunda década do século xx, Dolly pediu dinheiro emprestado a sua família, e ela e Marty compraram um bar, na esquina da Jefferson com a rua 4, que chamaram de Marty O'Brien's. Enquanto dirigiam o lugar, o pequeno Frankie era cuidado por sua avó ou por uma prima ou, com mais frequência, por uma boa vizinha judia, a sra. Golden. Ela ensinou-lhe iídiche.

Quando estava com o filho, Dolly alternadamente o mimava — lindas roupas continuavam em pauta — ou o maltratava. Na época, isso era conhecido como disciplina. A criança era cheia de vida, e o mesmo se pode dizer da mãe. É um milagre que o filho tenha permanecido vivo. Uma vez, Dolly empurrou-o por um lance de escadas abaixo, deixando-o inconsciente. De brincadeira, enfiava a cabeça dele sob as ondas do mar, deixando-o aterrorizado (por incrível que pareça, ele se tornou um excelente nadador). E, mais habitualmente, batia nele com um pau. Era um pequeno taco, na verdade, parecido com um cassetete de policial: a arma ficava guardada atrás do balcão do Marty O'Brien's.

“Quando eu me descontrolava”, Sinatra contou a Pete Hamill, “ela me dava uma pancada com aquele pequeno taco; depois me abraçava e me apertava ao peito.”⁴

“Ela era foda”, ele relembrou para Shirley MacLaine. “Ela me deixava apavorado. Eu nunca sabia se odiaria o que eu tinha feito.”⁵

Se a primeira intimidade foi imprevisível, assim foram todos os relacionamen-

* *Little Lord Fauntleroy* (em português, *O pequeno lorde*): livro infantil de Frances Hodgson Burnett publicado em 1886, cujas ilustrações puseram na moda roupas infantis baseadas em trajes aristocráticos do século XVIII.

tos posteriores: Sinatra se sentiria ambivalente em relação às mulheres até o final de seus dias. Exibiria para cada amante um pouco do que Dolly lhe havia exibido.

A história parece saída direto de um manual de psicologia: filho único, tanto mimado quanto negligenciado, posto nas nuvens e violentamente reprimido quando não consegue agradar, cresce sofrendo de uma carência infinita, de uma incapacidade de estar sozinho e de ciclos de grandiosidade e depressão profunda.

“Acho que meu pai queria desesperadamente fazer o melhor que podia pelas pessoas que amava”, escreve Tina Sinatra, “mas no fim ele fazia o que precisava fazer para *si mesmo*. (Nisso, era filho de sua mãe.)”⁶

No entanto, essa não é toda a história. Sim, Frank Sinatra nasceu com uma personalidade (inevitavelmente) semelhante à de Dolly, mas a natureza é apenas metade da equação. Ele fazia o que precisava fazer para si mesmo porque havia aprendido desde a primeira infância a não confiar em ninguém, nem mesmo naquela em quem deveria ter podido depositar a máxima confiança.

E, depois, temos o ambiente mais amplo em que Sinatra cresceu, aquelas ruas de comédia de pastelão de Hoboken durante a Lei Seca e a Depressão.

Segundo alguns relatos, a Cidade da Milha Quadrada (como era conhecida Hoboken) era, naquela época, território da máfia. Alguns dizem até que a pequena taberna de Marty O’Brien era um antro de crime. Já ouvimos falar de grandes nomes mafiosos como Meyer Lansky, Bugsy Siegel, Joe Adonis, Johnny Torrio e os irmãos Fischetti, e Longy Zwillman, Willie Moretti, Dutch Schultz e Frank Costello e — é óbvio — Lucky Luciano, que, quis o destino, nasceu na mesma aldeia siciliana que o avô de Frank Sinatra, Lercara Friddi.

Que tipo de negócio todos esses chefões do crime organizado poderiam ter com os insignificantes Sinatra de Hoboken? Tudo tinha a ver (é o que nos contam) com bebida. A Máfia ganhava milhões com rum; Dolly e Marty Sinatra compravam bebida ilegal de seus lugares-tenentes, ou dos lugares-tenentes dos lugares-tenentes. O pobre Marty, ao que parece, certa vez apanhou até ficar inconsciente, quando tentou ganhar algum dinheiro extra fazendo a guarda de um carregamento de bebidas. Consta que o contrabandista da época dourada Waxey Gordon (identificado no livro de Nancy Sinatra como “Siciliano”, o que deve apontar para um bairro muito esquisito na Sicília, pois seu nome de nascimento era Irving Wexler) era um frequentador habitual do Marty O’Brien’s.

Enquanto isso, conforme seu próprio relato posterior, o pequeno Frankie também ficava no bar, onde fazia sua lição de casa e, de vez em quando, a pedido

da clientela, subia no piano para cantar uma canção da moda por moedas: *Honestamente e verdadeiramente, estou apaixonado por você...*⁷

Parece que os irmãos de Dolly, Dominick e Lawrence, estavam ambos envolvidos em atividades suspeitas. Os dois tinham antecedentes criminais; Lawrence, um peso meio-médio que boxeava com o nome de Babe Sieger, meio que se aventurava no crime. “Ele era um sequestrador que trabalhava com Dutch Schultz, com uísque e outras coisas”,⁸ lembrou o filho da irmã de Dolly, um pouco vagamente. E, é claro, Dutch Schultz fazia negócios com Lucky Luciano, e podemos preencher as lacunas a partir daí.

Mas para entender o efeito do crime organizado sobre a psique em evolução do jovem Frank, não precisamos ir mais longe do que a própria Dolly — pelo menos se levarmos em conta os escritos de Mario Puzo.

Em 1964, Puzo publicou seu segundo romance, o altamente autobiográfico *Mamma Lucia*. Os críticos o aclamaram como um clássico menor, mais ou menos como haviam saudado seu primeiro livro, um romance sobre a Segunda Guerra Mundial intitulado *A guerra suja*. Após esses dois livros, Puzo, incapaz de ganhar a vida com seus escritos, decidiu que estava cansado de criar clássicos menores. E assim escreveu *O poderoso chefão*.

Mamma Lucia é uma história bonita e angustiante que retrata as agruras de uma família ítalo-americana que mora no bairro nova-iorquino de Hell's Kitchen durante a Grande Depressão. Quando o pai, que sustentava a família, tem um colapso e é internado, a mãe, Lucia Santa Angeluzzi-Corbo, assume as rédeas da família e decide que não vai deixar seus seis filhos passarem fome ou serem entregues a outras famílias. Ela aprende a ganhar a vida e mantém a família unida pela pura força de sua vontade.

O livro baseia-se na infância do próprio Puzo, e ele faria mais tarde uma confissão surpreendente: o personagem de Vito Corleone, o poderoso chefão, baseia-se na mesma pessoa que tinha sido o modelo para Lucia Santa Angeluzzi-Corbo — sua mãe. Tal como Lucia Santa e Don Corleone, Mamãe Puzo havia sido benevolente mas calculista, lenta para a cólera mas rápida para decidir: a estrategista suprema.

Assim como Lucia Santa Angeluzzi-Corbo, Dolly Sinatra conseguiu, pela pura força da vontade, ganhar a vida para sua pequena família nos anos que antecederam e culminaram na Grande Depressão. Não foi fácil.

Ela era política e mestre da estratégia: extremamente ambiciosa, ferozmen-

te determinada, absolutamente pragmática. Era também agressiva, violenta e vingativa, uma versão bem diferente do chefão de Mario Puzo. Mas, não obstante, era uma versão convincente. Frank Sinatra talvez tenha crescido com os Fischetti na mesma rua, com Dutch Schultz dobrando a esquina, com Waxey Gordon no banco do balcão ao lado no Marty O'Brien's, mas tinha o seu próprio modelo de chefe da Máfia dentro de casa. Não é de admirar que, quando ele finalmente encontrou a coisa de verdade, sentiu um reconhecimento imediato, uma atração instantânea. E não é de admirar que, ao conhecer Sinatra, os mafiosos de verdade sorriam e apertaram sua mão. Não era apenas sua celebridade; celebridades havia a dar com o pau. Era essa parte da Dolly que seu filho sempre carregou com ele: seu próprio chefão interior. Ele ao mesmo tempo queria ser um deles e, em espírito e em parte, realmente era.⁹

Mão pesada. “Ela me deixava apavorado”, Sinatra relembrou para Shirley MacLaine. “Eu nunca sabia se ela odiaria o que eu tinha feito.” Frank e Dolly numa viagem aos Catskills, c. 1926.